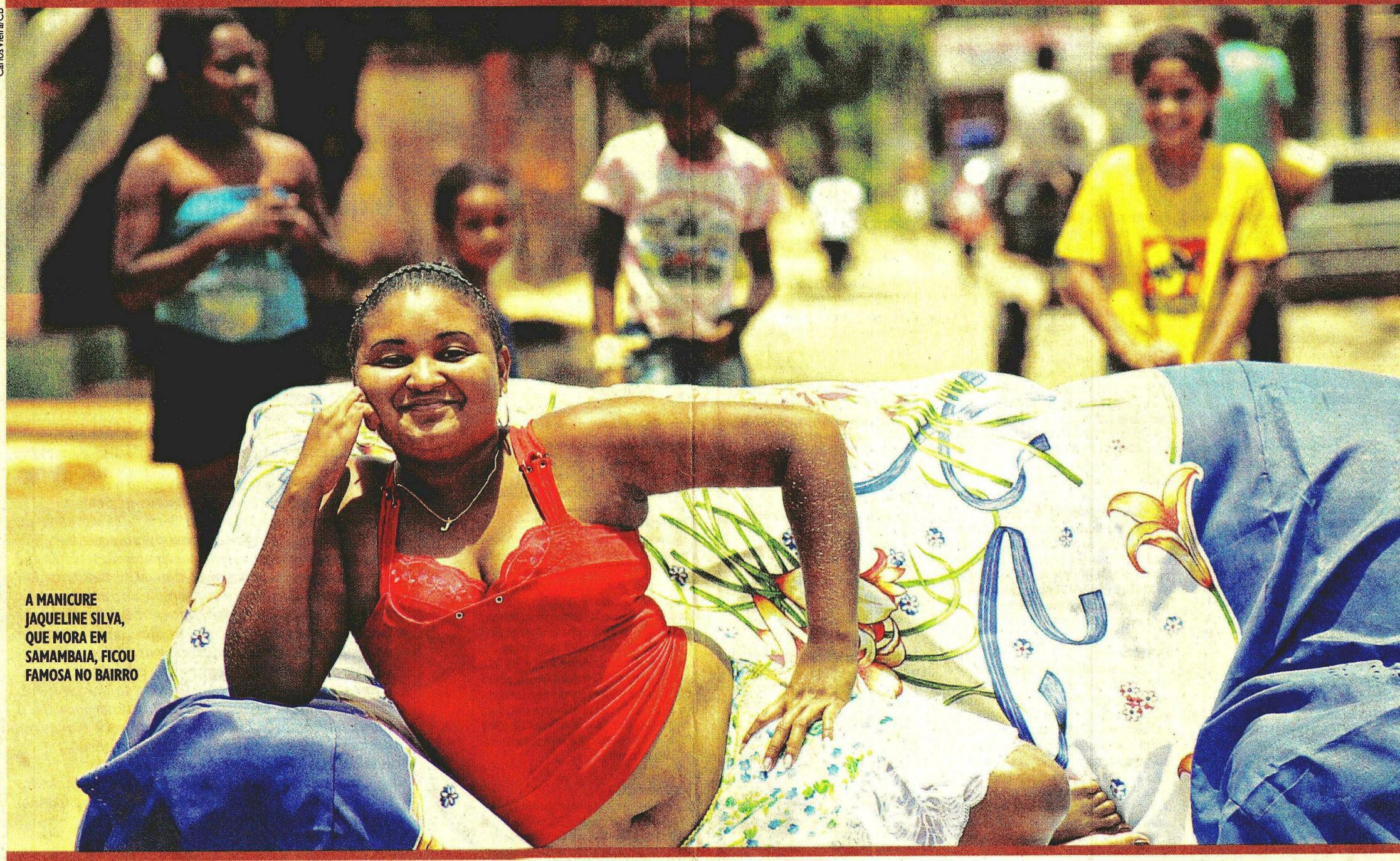


Fotógrafo se inspira na simplicidade da manicure e nas águas do Paranoá para montar o ensaio *De todas as formas*

Carlos Vieira/CF



A MANICURE
JAQUELINE SILVA,
QUE MORA EM
SAMAMBAIA, FICOU
FAMOSA NO BAIRRO

Um dia de estrela

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

O anúncio na rádio dizia: "Se você gosta de fotografia, não tem vergonha de nu artístico, venha fazer parte de uma grande exposição..." Longe, muito longe, na QR 325 de Samambaia Sul, a manicure Jaqueline Costa da Silva, piauiense de 25 anos, acabara de varrer o chão de cimento queimado. Ia começar a preparar o almoço. O radinho, comprado há sete meses em suas prestações, é seu companheiro inseparável. É nele que ela ouve as canções das duas duplas sertanejas de que mais gosta. De tanto escutar seus ídolos, Zezé Di Camargo & Luciano e Bruno & Marrone viraram íntimos. Afinal, todos os dias estão em todos os cômodos da casa.

Naquele início de janeiro, até a música ficou em segundo plano. Ao ouvir o anúncio na rádio, Jaqueline parou de fazer tudo. E o almoço? Pode esperar. Correu para pegar papel e lápis. Anotou o telefone divulgado. E não hesitou. Ligou imediatamente para o contato. Do outro lado da linha, a secretária de uma agência famosa de modelos de Brasília. A moça explicou-lhe o que pretendia a campanha. A manicure teve certeza de que tinha ligado para o número correto.

No dia seguinte, foi até a agência, na Asa Norte. Fez uma foto de corpo inteiro (de roupa) e preencheu uma ficha.

Ficou aguardando retorno, para saber se seria selecionada ou não para o tal ensaio fotográfico. Foram quase 10 dias de expectativa e insônia. Até que numa tarde, ele, o bendito telefone, tocou. "Eu pulei de alegria", lembra. Jaqueline tinha sido selecionada para o trabalho. Uma semana depois, lá estava a manicure, na Ponte JK — lugar que só conhecia pela televisão e em fotos de jornal — atrás do sonho de sua vida. Era verdade.

Para entender essa história e principalmente o que levou Jaqueline a participar do ensaio de nu artístico, é fundamental voltar no tempo. Menina, ela vivia com a avó numa casa humilde em Samambaia. As duas chegaram ali quando o lugar ainda era assentamento. E sonhava acordada em ser modelo. Sonhava ver uma foto sua, pendurada em algum lugar. "Sei que não sou bonita, mas eu tinha o direito de sonhar." O tempo passou. A menina cresceu. Em vez de virar modelo, arrumou emprego como doméstica. Trabalhou em casa de família. Lavou, limpou, cozinhou. "Faço uma macaronada que dá água na boca. Só nunca tive muito jeito com criança. Não sei tomar conta", admite.

Um dia, há cinco anos, a avó resolveu voltar para o Piauí. Cansara de Samambaia. Vendeu a casa e as duas partiram de volta ao Nordeste. Jaqueline tentou a vida em Teresina. "Não me acostumei. Lá, tudo é mais difícil." E resolveu voltar, em busca de uma vida melhor. Foi amparada na casa de amiga da família, ali mesmo, perto de onde sempre viveu. E começou uma nova etapa de sua vida. Jaqueline virou manicure. "Vou de casa em casa, fazendo as unhas das pessoas conhecidas. Aqui em Samambaia, como as pessoas têm menos recursos, pé e mão é baratinho. Só dez reais", conta.

Areivavolta

Dezoito de janeiro de 2007. Quinta-feira, 8h. Jaqueline sai de casa na companhia do agricultor aposentado Lindolfo Ferreira Queiroz, de 91 anos, que nunca se casou e tampouco teve filhos. Ela cuida da casa dele há quatro anos. "Uai, antes dela cuidar dele, o velho só vivia largado. Agora, a casinha só vive arrumadinha, ela faz comida e ele tá com outra cara", observa a vizinha Geralina Medeiros, 72.

E lá se foi Jaqueline, em busca do sonho. E o que Lindolfo foi fazer junto, minha gente? Simples. Nesse dia — justamente o dia mais importante da vida dela —, a manicure estava sem um centavo no bolso. Não tinha se-

quer para o ônibus. Como idoso, Lindolfo não paga passagem e ainda pode levar um acompanhante na viagem. Foi a solução para ela chegar ao local combinado.

A equipe do fotógrafo estava toda à sua espera. Dentro do lago, sob a Ponte JK, o sonho de Jaqueline tomara forma. "A moça (produtora) pediu pra eu tirar a roupa e ficar relaxada. No começo, fiquei um pouco envergonhada, mas depois fui me soltando", conta a modelo de olhos cor de mel, 1,55m e 66kg. Em meia hora — tempo em que durou o ensaio fotográfico — Jaqueline se sentiu rainha. Era a vida, enfim, realizando todos os seus desejos. Fez caras, bocas e sorriu, como menina afoita, sob os olhares da equipe. Extasiou-se com o visual da ponte. De longe, Lindolfo acompanhava tudo. O fotógrafo se emocionou. Em 32 anos de profissão, poucas vezes vira tamanha alegria e alguém tão feliz.

Na volta para casa, ainda dentro do ônibus que a levava a Samambaia, a ex-doméstica levitou. "Pulei de felicidade, no meio da rua, no dia que fiz as fotos." Lindolfo, andando devagar, acompanhava todo aquele arrebatamento. Na manhã de ontem, ele disse ao Correio: "Ela é ajuizada, trabalhadeira e zelosa". A vizinha Francisca das Chagas, de 42 anos, que conheceu a manicure ainda menina, emenda: "Ela é uma pessoa que merece ser feliz. Sempre lutou pelas coisinhas dela. E tem uma coisa impressionante: se gosta do jeito que é".

“

NÃO TÔ MUITO
SATISFEITA COMIGO
MEIO GORDINHA, MAS
ME ACHO BONITA
ASSIM MESMO

”

Jaqueline Silva

Silêncio total

Na rua onde mora, exceto os mais próximos, ninguém sabe que Jaqueline fez tais fotos e ainda mais que elas irão parar numa exposição importante em Brasília. "O povo aqui fala demais. Também não contei pra mulheres casadas. Elas podiam fazer cara feia. Só algumas amigas solteiras sabem." O cearense Lindolfo palpita: "Tem muita gente fuxiqueira aqui na rua mesmo".

Títis à parte, o fato é que as fotos de Jaqueline, inéditas, só ela mesma as viu. "Nossa, eu me senti tão bonita! "Se eu acho mesmo bonita? Não tô muito satisfeita comigo meio gordinha, mas me acho bonita assim mesmo." Depois do ensaio, então, a auto-estima da manicure foi à estratosfera: "Não dispenso batom e maquiagem. Agora, sim, me sinto bela e realizada. Na rua, você precisa ver, o povo faz psiu, é um tumulto...". Rindo à-toa, Jaqueline explica o motivo de tanto contentamento: "A alegria também deixa a gente bonita, sabia? Faz bem à saúde".

Na casa humilde onde mora em Samambaia Sul, a ex-doméstica que queria ser modelo, é apaixonada pelo ator Reynaldo Gianecchini e chorou no último filme da Xuxa em que ela vive um conto de fadas. "Meu pai eterno, já pensou quando minha família lá no Piauí souber que eu vou parar numa exposição e ainda mais sem roupa?" E quando o pastor descobrir? "O povo da minha igreja é liberal. Eles vão ver que eu não fiz nada errado, não cometi pecado. O belo não pode ser julgado". E se justifica ainda mais: "Não bebo, não fumo, não saio à noite. Não tenho vício nenhum. Nem namorado. Por quê? Porque hoje os homens não querem nada sério. Só usam a gente e depois esquecem".

Dentro das águas do Lago Paranoá, a ex-doméstica — que virou manicure, mas um dia já quis ser telefonista, recepcionista e modelo — realizou o maior sonho de sua vida. É como se tivesse renascido. Virou estrela. "Foi uma bênção de Deus", emociona-se. Tem gente que faz da vida uma festa. Um acontecimento. Acredita que tudo pode ser sempre melhor. E, de uma forma ou de outra, acaba realizando seus sonhos. Jaqueline é exatamente assim.



A MODELO EM UM DOS MOMENTOS DA EXPOSIÇÃO DE KAZUO OKUBO

Corpos redescobertos

Afinal de contas, onde é que a manicure Jaqueline foi se meter? Ela é uma das 40 pessoas, entre 20 e 60 anos de idade, que, voluntariamente, aceitaram participar do projeto do respeitado fotógrafo brasiliense Kazuo Okubo, de 47 anos, 32 de profissão. Intitulada *De todas as formas*, a exposição — com 40 painéis de 0,80m por 1,20m — mostra corpos humanos revelados com naturalidade e ensaio poético. É uma tentativa de usar o corpo para construir possibilidades estéticas de beleza sem estereótipos.

Os modelos, pessoas anônimas — garçom, segurança, doméstica, diarista, empresário, publicitário — posaram em diversos pontos turísticos de Brasília. "Muitos dos locais eu escolhia, outros eram as próprias pessoas que sugeriam", conta Kazuo. E comenta: "Todos os corpos merecem ser fotografados. Cada um tem a sua marca, inscrição e contornos. Todos são belos".

Sobre Jaqueline, a manicure de Samambaia que sonhava ser modelo, o fotógrafo confidenciou ao Correio: "Ela tem uma história muito bonita de vida. Foi uma das que mais me emocionaram. No dia das fotos, Jaqueline não tinha dinheiro nem para o ônibus, mas mesmo assim chegou lá". Kazuo pretende, depois da exposição, transformar o projeto num livro. De todas as formas começa no dia 14 de fevereiro e vai até 11 de março, das 9h às 21h, no Centro Cultural da Caixa. A entrada é gratuita. (MA)